

Ignorados pela Funai, índios vivem às margens de rodovia

Há cerca de quarenta anos, dois descendentes de índios paraguaios, pai e filho, resolveram tentar a sorte no Brasil, mais especificamente na região próxima à fronteira entre a Argentina e o estado de Santa Catarina. Lá, o garoto conheceu uma índia nativa brasileira (de cuja tribo não conseguem identificação precisa) com a qual se uniu. Uma década depois o casal migrou para o litoral, estabelecendo-se no município de Palhoça, na localidade do morro dos Cavalos onde formaram uma pequena comunidade.

Com o decorrer do tempo o casal teve seis filhos, dos quais três ainda vivem na região, agora em condições um pouco melhores do que anos atrás. As margens da BR-101, proximidades da Capital, 16 descendentes da família, oito adultos e oito crianças, dedicam-se, a exemplo de seus antepassados, ao artesanato, confeccionando cestas, arco e flecha e a agricultura, cultivando milho, aipim, batata e feijão numa pequena plantação dentro da floresta pouco acima de suas casas. Estes dezesseis remanescentes foram três famílias: Moreira, Amorim e Machado. Os Amorim e Moreira são todos descendentes de índios, os Machado, de índios com brancos.

Estes índios até hoje ignorados pela Fundação Nacional do Índio —



estes conhecimentos foram transmitidos pelos pais.

"Temos que utilizar esta medicina — revelou — porque onde moramos fica longe de hospitais ou ambulatórios. Desta forma quando um de nós fica doente durante a noite, temos que apelar para estes conhecimentos para que o mal seja pelo menor minorado, até que possamos levar a pessoa ao médico em Palhoça ou Florianópolis.

Segundo ele — que parece ser uma espécie de líder da comunidade, apesar de ter 22 anos — "o que plan-



dali. O terreno que habitam foi doado pela Construtora São Luiz, de Palhoça.

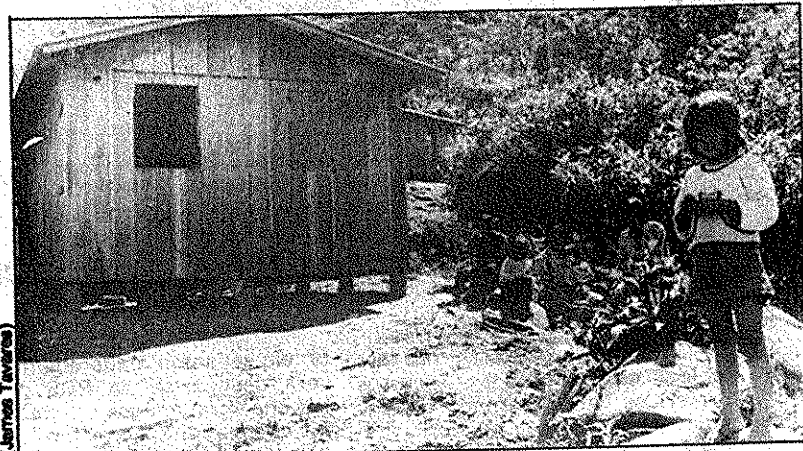
As crianças menores estudam numa escola isolada de Maçambu, a três quilômetros de casa e duas maiores na Escola Básica Edith Gama Ramos, de Capoeiras, "porque lá tem alimentação que elas não encontram em casa", disse a mãe de uma delas.

"Apesar de precisarmos de ajuda constante — disse Nadir Amorim — não gostamos de pedir. Mas acontece que as crianças precisam de material escolar, como cadernos, lápis preto e de cor, além de roupas e calçados que não podemos comprar. O problema de transporte é um dos maiores, tendo dias que as duas meninas que estudam em Capoeiras não podem ir a aula por falta de passe de ônibus. Inclusive o menino Ivo José está há dois anos no quarto ano da escola de Maçambu por não termos condições de mandá-lo estudar em Palhoça ou Florianópolis, pois já era para ele estar frequentando o quinto ano".

NOVAS CÁSAS

As casas de madeira em que vivem foram doadas por uma campanha levada a efeito por Roberto Felipe Sell, popularmente conhecido por "Bebeço" e pela senhora Nancy Bianchini, junto ao comércio e à comunidade da Grande Florianópolis.

"Tudo começou quando um de meus filhos teve que fazer um trabalho a respeito dos descendentes de índios — disse Roberto Sell — em junho do ano passado. Então resolvi acompanhá-lo até o local pessoalmente. Quando retornei para casa



O contato com a civilização possibilitou trocar a cabana por uma casa de madeira.

Funai, até o ano passado habitavam cabanas de palhas feitas por eles mesmos. Com o tempo e o constante contato com a civilização foram aos poucos esquecendo toda a tradição e cultura de sua raça, exceto o artesanato, que continuam a vender na rodovia.

MEDICINA PRÓPRIA

Na confecção das peças artesanais eles utilizam matéria prima da região como a taquara e o vime, para confeccionarem os balaços e cestas; para os arcos e flechas usam uma espécie de madeira flexível e resistente. Talvez, o único vestígio de cultura tribal ainda existente entre eles, seja a utilização de plantas medicinais, com as quais tratam de suas doenças. Assim a "Erva de Santa Maria é utilizada para combater as varizes, pressão arterial e males relacionados com o aparelho circulatório; a febre é combatida com Cipó Milombre e Nós Moscada; a tosse com as flores de mamão e a coqueluche com Marselha Galega", explicou Milton Moreira, acrescentando que todos

amos não é suficiente para o nosso sustento, já que a colheita não pode ser feita durante todo o ano; então temos que pescar no rio Maçambu ou caçar tatú, gambá, cutia ou pássaros na floresta quando a fome aperta. Nossa renda familiar é quase toda obtida através da venda de artesanatos e alguns biscates que Luiz Carlos (um branco casado com uma irmã dele) e eu fazemos quando encontramos".

Revelou que para se confeccionar uma cesta ou um balaço, é necessário dois a três dias de trabalho, e um arco até dois dias. Uma cesta grande pode ser vendida até a Cr\$ 12 mil, as menores variam entre Cr\$ 8 a 10 mil e os arcos a Cr\$ 7 mil.

PRECISAM DE AJUDA

O abastecimento de água das famílias é proveniente de uma pequena cachoeira que desce pela encosta abaixo por detrás das residências. A iluminação é conseguida através de lamparinas e velas, apesar de passar uma rede de energia elétrica a aproximadamente um quilômetro e meio



Com receio de dar entrevista, eles falaram das dificuldades que enfrentam para sobreviver.